

nha civilista e o após-guerra de 1919, assinalou importantes transformações na imprensa. Aparecem, vivendo pouco, revistas como *O Filhote da Careta*, em 1910; *O Riso*, que se mantém em 1911 e 1912; *Faceira*, que agüenta de 1911 a 1917; *A Caricatura*, *A Semana* e *O Rio-Ilustrado*, que circulam em 1913; *S. Excelência*, que vive apenas em 1914; o mesmo acontecendo com o *Rio-Chic*, em 1917, *O Pasquim*, em 1918, *Guanabara*, *A Rajada*, *Zum-Zum* e a *Revista Nacional*, em 1919. A *Cigarra* circula em S. Paulo, de 1914 a 1917, e no Rio, de 1917 a 1919; a *Revista do Brasil*, nessa fase, mantém-se de 1916 a 1944; *A Atualidade* vai de 1919 a 1927; *Para Todos*, em sua primeira fase, de 1919 a 1932. Com os jornais acontece o mesmo: a maioria tem vida curta, como *O Rio* e *A Luta*, que só circulam em 1915; outros duram mais: *O Imparcial* vai de 1912 a 1929; *A Rua*, de 1914 a 1927; *A Razão*, de 1916 a 1921; o *Rio-Jornal*, de 1918 a 1924, *A Folha*, de 1919 a 1926. A revista de caricaturas *D. Quixote* apresenta nova fase então, de 1917 a 1927. A imprensa brasileira vai viver, daí por diante, uma nova fase, difícil, conturbada, pontilhada de movimentos militares de rebeldia, agitada por campanhas políticas de extrema violência — tudo aquilo que, no fim de contas, prepara a Revolução de 1930, divisor do desenvolvimento histórico brasileiro, marco em nossa existência.

A imprensa burguesa

Se, com o após-guerra, profundas alterações se denunciam na vida brasileira, tais alterações, para a imprensa, acentuam rapidamente o acabamento da sua fase industrial, relegando ao esquecimento a fase artesanal: um periódico será, daí por diante, empresa nitidamente estruturada em moldes capitalistas. Continuam a aparecer revistas de vida efêmera, literárias ou humorísticas, e jornais de circunstâncias, particularmente para atender injunções originadas da luta política, cada vez mais acirrada, mas são fatos pouco numerosos e acidentais. Na maioria dos casos, trata-se de empresas mal estruturadas, que se esgotam depressa, que consomem rapidamente o

fundou *A Pátria*, de que foi diretor. Colaborou na maior parte das revistas do tempo e em grande número de jornais do Rio. Severamente combatido pelo *Correio da Manhã* e pelo *Imparcial*, e por alguns escritores, como Emílio de Menezes e principalmente Antônio Torres. Membro da Academia Brasileira de Letras, seus livros saíram quase todos antes na imprensa: *As Religiões do Rio*, *A Alma Encantadora das Ruas*, *Cinematógrafo*, *Vida Vertiginosa*, *O Momento Literário*, *Os Dias Passam*, *Crônicas e Frases de Godofredo Alencar*, *Dentro da Noite*, *A Mulher e os Espelhos*, *Rosário de Ilusões*, *Correspondência de uma Estação de Cura*, *A Bela Madame Vargas*, *Que Pena Ser Só Ladrão*, comédias os dois últimos.